

O DIÁLOGO ENTRE A OBRA DE GONÇALVES DIAS E O LEITOR JUVENIL CONTEMPORÂNEO*

Samara Soares FERREIRA (PIBIC/CNPq – Universidade Estadual do Maranhão)
Diógenes Buenos Aires de CARVALHO (Orientador–Universidade Estadual do Maranhão)

RESUMO: fundamentada nos pressupostos teóricos da Estética da Recepção e da Sociologia da Leitura, a pesquisa enfoca a importância do leitor no circuito literário. Sendo a obra de Gonçalves Dias exemplo da capacidade de manter um diálogo com seus leitores ao longo dos tempos, busca-se analisar sua recepção por leitores juvenis em contexto escolar. Para tanto, foi efetuado estudo e discussão dos textos de fundamentação teórica e biografias do poeta. Realizou-se a aplicação de entrevistas semi-estruturadas com 120 alunos do Ensino Médio. Como resultado observou-se a existência de uma lacuna no que diz respeito à vida e a obra do poeta, no entanto, percebe-se que a obra gonçalvina ainda permanece na memória dos leitores, o que revela a existência do diálogo que a obra de Gonçalves Dias mantém com os leitores de diversos momentos históricos. Os mediadores sociais que melhor desempenham essa função são a escola e o livro didático.

PALAVRAS-CHAVES: Leitor juvenil. Recepção literária. Gonçalves Dias.

1. Introdução

De acordo com os pressupostos da Estética da Recepção, na perspectiva de Hans Robert Jauss (1994), uma obra literária permanece na história da literatura à medida que continua a indagar e responder questões aos leitores de diferentes momentos históricos. Partindo desse pressuposto, inegavelmente, a obra do poeta Gonçalves Dias é um exemplo dessa capacidade de esse diálogo. Nesse sentido, a presente pesquisa tem como objetivo analisar a recepção da obra de Gonçalves Dias por leitores juvenis de Caxias-MA, da 1ª, 2ª, e 3ª séries de duas escolas públicas do ensino médio, a saber, o Centro de Ensino Thales Ribeiro Gonçalves e o Centro de Ensino Aluísio Azevedo; analisar a presença e o tratamento da obra de Gonçalves Dias nos livros didáticos utilizados pelas escolas que atendem os jovens da amostra da pesquisa; caracterizar a presença da obra de Gonçalves Dias no cotidiano escolar como forma de mediação entre a obra e os leitores juvenis da amostra da pesquisa. Conforme Jauss (1994), a recepção acontece no processo de interação obra/leitor, no entanto, para a efetiva interação entre obra e leitor é necessário que aconteça um processo de mediação social, na acepção de Arnold Hauser (1977), e no momento atual brasileiro, a escola é a principal responsável por essa função. Assim sendo, é no contexto educacional formal que se pode vislumbrar uma recepção da obra gonçalvina, sem, contudo, deixar de considerar a mediação das demais agências sociais.

2. A estética da recepção e a sociologia da leitura

* Este artigo é um recorte dos resultados alcançados no Projeto de Iniciação Científica, “Gonçalves Dias e o leitor juvenil contemporâneo”, com auxílio financeiro PIBIC/CNPq, desenvolvido no Grupo de Pesquisa Literatura, Leitura e Ensino, do CESC/UEMA, sob a coordenação do Prof. Diógenes Buenos Aires de Carvalho.

A Estética da Recepção é uma teoria da literatura que surgiu no final dos anos 60, meados do século XX, período de grandes acontecimentos políticos e intelectuais na Alemanha. Formulada por Hans Robert Jauss, a Estética da Recepção é apresentada pela primeira vez em uma conferência na Universidade de Constança, em 1967, e trata da recusa dos métodos de ensino da história da literatura para a construção de uma história literária sob as orientações de algumas escolas, sobretudo, a idealista ou da positivista, que, segundo o teórico e seus colegas, não levam em consideração o aspecto histórico em convergência com o estético de uma obra literária, deixando, assim, uma lacuna entre a literatura e a história, o que resulta em um desprezo ao terceiro elemento do circuito literário, o leitor, uma vez que suas pesquisas preocupam-se apenas com as obras e seus autores.

Nesse sentido, Jauss também critica as correntes literárias que sucedem a estas no decorrer da história, como as correntes marxista, formalista, a crítica sociológica, o *new criticism* e o estruturalismo tcheco. De acordo com o autor, os métodos das escolas marxista e formalista compreendem o fato literário numa perspectiva que:

privam a literatura de uma dimensão que é componente imprescindível tanto de seu caráter estético, quanto de sua função social: a dimensão de sua recepção e de seu efeito (...). A escola marxista não trata o leitor – quando dele se ocupa – diferentemente do modo com que ele trata o autor: busca-lhe a posição social ou procura reconhecê-lo na estratificação de uma dada sociedade. A escola formalista precisa dele apenas como o sujeito da percepção. (JAUSS, 1994, p. 22).

Em virtude disso, a Estética da Recepção propõe uma nova visão em relação ao leitor, onde este assume “seu papel genuíno, imprescindível tanto para o conhecimento estético quanto para o conhecimento histórico: o papel de destinatário a quem, primordialmente a obra visa” (JAUSS, 1994, p. 23).

Encarado desta maneira, como receptor, o leitor passa a ocupar o primeiro lugar no foco da investigação literária, pois não há como se construir uma história literária sem a presença ativa do leitor. Isso mostra o subjetivismo da obra literária, pois, seu poder de travar diálogo com leitores de diferentes momentos históricos depende das experiências deste leitor com a obra literária. Para Jauss (1994, p. 24), “a historicidade da literatura não repousa numa conexão de “fatos literários” estabelecida *post festum*, mas no experienciar dinâmico da obra literária por parte dos seus leitores”.

Dessa forma, obra e leitor são elementos indissociáveis do processo literário. É através desta interação que se pode concretizar a recepção, que como define Regina Zilberman (1989, p. 114): “refere-se à acolhida alcançada por uma obra à época de seu aparecimento e ao longo da história. Em certo sentido, dá conta de sua vitalidade, verificável por sua capacidade de manter-se em diálogo com o público”.

O processo de interação necessário para que haja a recepção da obra literária por parte do leitor, é realizado através do cruzamento do horizonte de expectativas que cada um traz em seu bojo, sendo este constituído por normas estéticas e sociais, as quais formam o “sistema de referências que resulta do conhecimento prévio que o leitor possui do gênero, da forma, da temática das obras já conhecidas/lidas e da oposição entre linguagem poética e pragmática” (JAUSS, 1994, p. 27).

No momento em que o leitor realiza a leitura literária, seu horizonte pode ser satisfeito ou rompido por uma dada obra. Este fato possibilita determinar a distância estética entre a expectativa do leitor e a forma como esta é correspondida. É esta distância estética quem assegura ou não o caráter artístico de uma obra, pois ela “corresponde ao intervalo entre uma criação artística renovadora e os códigos estéticos vigentes; quanto maior a distância, maior a originalidade e o valor da obra, menor também a probabilidade de o público aceitá-la e entendê-la.” (ZILBERMAN, 1989, p. 112).

Quando uma obra literária ultrapassa as expectativas do leitor e consegue travar um diálogo onde novos questionamentos surgem, pode-se dizer que houve uma reconstrução do horizonte deste leitor. Este fato tem como característica o poder de evidenciar aspectos emancipadores de uma obra que foram perdidos por causa do processo de canonização, a esse respeito Jauss diz:

A reconstrução do horizonte de expectativa sob o qual uma obra foi criada e recebida no passado possibilita, por outro lado, que se apresentem as questões para as quais o texto constituiu uma resposta e que se descortine, assim, a maneira pela qual o leitor de outrora terá encarado e compreendido a obra. (1994, p. 35).

Sendo assim, a reconstituição do horizonte possibilita configurar como uma obra em uma determinada época apresenta sua importância histórica e o processo de comunicação que se instalou entre ela e seus leitores. Denominado lógica da pergunta e da resposta, este fenômeno é abordado pela hermenêutica literária que busca examinar as relações do texto com a época em que apareceu.

Através desse processo, muitos leitores têm vivido grandes experiências ao assumirem um pacto de leitura com determinada obra literária, pois há obras que são de grande representatividade pela capacidade de manter um diálogo com leitores de diferentes momentos históricos.

A literatura tem um poder transformador e libertador, que torna o homem independente dos entraves que se apresentam diariamente como empecilho de seu desenvolvimento intelectual. É através do contato com a literatura que o ser humano tem a oportunidade de ampliar, transformar e enriquecer sua própria vivência:

A experiência da leitura logra libertá-lo das opressões e dos dilemas de sua práxis de vida, na medida em que o obriga a uma nova percepção das coisas. O horizonte de expectativa da literatura distingue-se daquele da práxis histórica pelo fato de não apenas conservar as experiências vividas, mas também antecipar possibilidades não concretizadas, expandir o espaço limitado do comportamento social rumo a novos desejos, pretensões e objetivos, abrindo assim, novos caminhos para a experiências futuras. (JAUSS, 1994, p. 52).

Porém, como afirma Carvalho (2000, p. 24), “a transformação do homem, via prática da leitura, só é concretizada na medida em que estiver aberto a viver novas experiências, despojado de uma postura autoritária e disposto a aprender com elas, a fim de conscientizar-se de sua transitoriedade”. Isso implica em uma determinação por parte do leitor em ampliar seus conhecimentos de mundo, e adquirir mais experiências fundamentadas no potencial crítico que a leitura proporciona.

Como se pode observar, a Estética da Recepção aborda conceitos de fundamental importância para compreender o processo de recepção de uma obra literária pelo leitor infanto-juvenil. Ao analisar a recepção, horizonte de expectativas, a distância estética e lógica da pergunta e da resposta, enfocando, sobretudo, o leitor como principal referência do processo literário, pode-se determinar o horizonte de expectativas do leitor infanto-juvenil caxiense em relação a obra de Gonçalves Dias, no contexto escolar.

É de suma relevância também salientar que a Sociologia da Leitura é base fundamental para esta análise, visto que a pesquisa desenvolveu-se na escola, uma das instituições que levam (mediam) a informação da obra ao leitor.

O primeiro trabalho que aborda esta temática foi publicado em 1923 e intitulava-se *De soziologie der literaris schen geschamacksbildung*, que segundo Zilberman poderia ser traduzido por “A sociologia da formação do gosto literário”, em que seu “objetivo era estudar

o público enquanto fator ativo do processo literário, já que as mudanças de gosto e de preferências interferem não apenas na circulação, e, portanto, na forma dos textos, mas também em sua produção”. (1982, p. 17).

Nessa perspectiva, algumas instituições figuram-se como exemplos das principais instâncias mediadoras entre a obra e o leitor, a saber, a escola, a família, a biblioteca, a Igreja, a mídia, entre outros. Segundo Carvalho:

A Sociologia da Leitura não se propõe a investigar a relação entre leitor e texto buscando o delineamento do horizonte de expectativas, pois o que interessa são as questões extrínsecas da leitura, isto é, a abordagem está centrada na relação entre o livro e os seus mediadores sociais. (2000, p. 25-26).

Para que haja interação entre a obra e o leitor e conseqüentemente a recepção, é necessária a presença de uma instância mediadora que possibilite ao leitor um acesso total à mensagem da obra, isto por que “artista e público não falam a mesma língua desde o princípio. A obra de arte tem que ser traduzida a um idioma próprio para que resulte geralmente compreensível e para que a maioria possa gozá-la” (HAUSER, 1977, p. 551). São, portanto, essas instâncias de mediação que garantem permanecer vivo o diálogo entre autor e leitor através da obra ao longo dos anos.

Observa-se, portanto, que a importância da Sociologia da leitura abrange um campo amplo no que diz respeito à circulação e consumo de livros e outros aspectos externos da leitura. Isso possibilita analisar sua contribuição para a aproximação do leitor e da obra por meio das instâncias mediadoras, como por exemplo, a escola que é o espaço social escolhido para a realização da pesquisa de campo, sendo este o local onde há uma maior circulação de obra literária e um ensino sistemático da literatura, constituindo, pois, a principal ponte que leva as informações precisas da obra literária ao leitor.

3. Gonçalves Dias: vida e obra

O levantamento bibliográfico sobre a vida e obra de Gonçalves Dias teve como base a biografia do poeta por Jomar Moraes (1998) a qual deu suporte à pesquisa no sentido de aprofundar os conhecimentos sobre os eventos da vida do poeta sendo os dados seguintes considerados mais relevantes.

Antônio Gonçalves dias nasceu em 10 de agosto de 1823, no sítio boa vista, na época conhecido como jatobá, a quatorze léguas de Caxias - Maranhão. Filho de João Manuel Gonçalves dias, um comerciante português e de Vicência Mendes ferreira, uma mestiça que, além de mulher, era também sua criada. João Manuel, após algum tempo, conhece a senhora Adelaide Ramos de Almeida com quem se casou. Gonçalves Dias, então, passou a ser criado pela madrastra que desempenhava muito bem o papel de sua mãe. Estudou inicialmente por um ano com o professor José Joaquim de Abreu, quando começou a trabalhar como caixeiro e a tratar da escrituração da loja de seu pai, que veio a falecer em 1837.

Iniciou seus estudos de latim, francês e filosofia em 1835 quando foi matriculado em uma escola particular. Foi estudar na Europa, em Portugal em 1838, onde terminou os estudos secundários e ingressou na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra (1840), retornando em 1845, após bacharelar-se. Mas antes de retornar, ainda em Coimbra, participou dos grupos medievistas da *Gazeta Literária* e de *O Trovador*, compartilhando das idéias românticas de Almeida Garrett, Alexandre Herculano e Antonio Feliciano de Castilho.

No ano seguinte ao seu retorno, conheceu aquela que seria sua grande musa inspiradora: Ana Amélia Ferreira Vale. Várias de suas poesias românticas foram escritas para

ela. Nesse mesmo ano, ele viajou para o Rio de Janeiro, então capital do Brasil, onde trabalhou como professor de história e latim do Colégio Pedro II, além de ter atuado como jornalista, contribuindo para diversos periódicos: *Jornal do Commercio*, *Gazeta Oficial*, *Correio da Tarde e Sentinela da Monarquia*, publicando crônicas, folhetins teatrais e crítica literária.

Em 1849, fundou com Araújo Porto Alegre e Joaquim Manuel de Macedo a revista *Guanabara*, que divulgava o movimento romântico da época. Em 1851, voltou a São Luís do Maranhão, a pedido do governo para estudar o problema da instrução pública naquele estado.

Gonçalves Dias pediu Ana Amélia em casamento em 1852, mas a família dela, em virtude da ascendência mestiça do escritor, refutou veementemente o pedido. No mesmo ano, retornou ao Rio de Janeiro, onde se casou com Olímpia da Costa. Logo depois, foi nomeado oficial da Secretaria dos Negócios Estrangeiros. Passou os quatro anos seguintes na Europa, realizando pesquisas em prol da educação nacional. Voltando ao Brasil, foi convidado a participar da Comissão Científica de Exploração, pela qual viajou por quase todo o norte do país.

Voltou à Europa em 1862 para um tratamento de saúde. Não obtendo resultados retornou ao Brasil em 1864 no navio *Ville de Boulogne*, que naufragou na costa brasileira; salvaram-se todos, exceto o poeta que foi esquecido agonizando em seu leito e se afogou. O acidente ocorreu nos baixios dos Atins, perto da vila de Guimarães, no Maranhão. O literato deixou uma obra extensa, da poesia e teatro aos estudos históricos, etnográficos e lingüísticos. Mas é, sobretudo, a sua poesia que se valoriza tanto pela riqueza temática quanto pela segurança dos processos técnicos e expressivos.

4. Apresentação e discussão dos resultados

A pesquisa de caráter analítico-qualitativa é desenvolvida com base nos pressupostos teóricos privilegiados, a fim de analisar os dados coletados na pesquisa de campo. O resultado final desta análise enfoca alguns aspectos da vida e obra do poeta, bem como sua recepção no contexto escolar por leitores juvenis. Observar-se-á ainda como a existência de registros na cidade sobre o poeta (escola, praça, estatua) contribui para a preservação de sua presença no horizonte destes leitores no século XXI.

Com um *corpus* de 120 (cento e vinte) entrevistas com alunos de 1ª, 2ª e 3ª séries do Ensino Médio de duas escolas públicas estaduais de Caxias-MA, num total que corresponde vinte alunos de cada série. Obtiveram-se os dados para a análise a partir de entrevistas individuais com os estudantes, sendo possível diagnosticar os seguintes resultados.

Em relação aos eventos da vida do poeta, os alunos mostram um saber superficial, sobretudo quando se trata da família, das profissões que ele exerceu, quanto ao local e a forma como o poeta faleceu, porém, ao serem indagados sobre os poetas caxienses, os entrevistados que responderam, foram unânimes em indicar Gonçalves Dias, como o grande poeta de Caxias-MA, além de indicarem algumas cidades nas quais o literato morou durante sua jornada como o Rio de Janeiro, São Luís e também Portugal. Esses dados marcam, portanto, a presença de elementos biográficos do escritor maranhense no horizonte de expectativas desse leitor em formação, que são significativos e demonstra que o literato ainda ocupa um lugar especial na memória cultural de sua terra.

No que diz respeito à obra, é demonstrado que a recepção, a qual segundo Zilbermam (1989, p. 114) é “a acolhida alcançada uma obra à época de seu aparecimento e ao longo da história” é efetivada, sobretudo, na poesia e, em especial, a *Canção do Exílio*, pois

essa foi a única produção a ser lembrada pelos entrevistados. A maioria citou um trecho da primeira estrofe, no entanto, não conhecem outros textos do autor, com exceção das poesias *O Canto do Piaga*, *O Canto do Guerreiro*, *Marabá*, *Se se morre de amor*, que foram citadas. No entanto, ninguém recitou trechos dessas poesias, só as conheciam de nome. Nesse aspecto, pode-se dizer que a distância estética que “corresponde ao intervalo entre uma criação artística renovadora e os códigos vigentes” (ZILBERMAN, 1989, p. 112) coopera para que a obra deste poeta seja pouco conhecida pelos leitores contemporâneos. Todavia, os alunos que recitaram um trecho do poema *Canção do Exílio*, foram coerentes quanto à temática e a rima, preservando a sua musicalidade, aspecto que permite constatar uma aproximação do leitor em análise com esse texto.

No que se referem aos mediadores sociais, instrumentos fundamentais para garantir a interação entre obra e leitor, pois, segundo Hauser (1977, p. 551), “artista e público não falam a mesma língua desde o princípio. A obra de arte tem que ser traduzida a um idioma próprio para que resulte geralmente compreensível e para que a maioria possa gozá-la”, sendo que tal tarefa pode ser executada pela escola, biblioteca, mídia, e a família. No caso da presente pesquisa, foi perceptível, em primeiro lugar, grande influência da escola, através da figura do professor, que coopera para a formação do horizonte do leitor/receptor no que diz respeito à obra gonçalvina, em segundo lugar, a família, que vem desempenhando seu papel de mediadora, sendo evidente a contribuição dos entes elencados respectivamente por ordem de influência: a mãe, a avó, o pai, a tia e primos.

Os registros culturais do poeta existentes na cidade, também contribuem de forma marcante ao assumir esse papel, funcionando como ponte que garante o diálogo com o leitor atual e a obra deste poeta. Sobre os registros do poeta nas escolas, vale ressaltar que no mês de junho do ano de 2009, no Centro de Ensino Aluísio Azevedo, foi realizado um evento em virtude do Estágio Supervisionado do Ensino Médio, realizado neste centro, do qual a bolsista que redige este relatório participou. Trata-se de uma palestra (Foto 1) sobre poesia proferida por Wibson Carvalho, poeta caxiense, para os alunos das três séries, na ocasião o poeta distribuiu uma cartilha produzida por ele mesmo com apoio de uma deputada estadual Dr. Cleide Coutinho. A referida cartilha (Foto 2) mostra alguns dados importantes sobre a cidade de Caxias-MA, como o perfil histórico-geográfico, a descrição da bandeira e do brasão do município, bem como o hino, onde faz menção do verso da poesia *Canção do Exílio* de Gonçalves Dias, tem ainda as principais informações da Balaia.

Além desse evento, o que se pôde encontrar na escola de registro do poeta foi um mural (foto 3) confeccionado e exposto por alunos da 2ª série. O livro didático (foto 4) adotado pelas duas escolas é: SARMENTO, Leila Lauer, TUFANO, Douglas. **Português: literatura, gramática e produção de texto: vol. Único.** São Paulo: Moderna, 2004. Neste livro encontra-se referência sobre o poeta Gonçalves Dias, especificamente no capítulo 8 intitulado “Romantismo no Brasil: poesia” (Foto 5), assunto trabalhado na 2ª série. Por ser volume único leva aos alunos das três séries as informações sobre o poeta Gonçalves Dias, ou seja, mesmo o aluno não estando ainda na série em que se estuda o Romantismo, por exemplo, ele pode, ao folhear seu livro deparar-se com trechos da obra do poeta. No caso deste livro, deixa a desejar quanto ao uso de imagens, pois não foi encontrada nenhuma foto de Gonçalves Dias na unidade que fala sobre esse literato, no entanto as questões são coerentes com os textos apresentados, os quais mostram uma preocupação em caracterizar o poeta como um marco do Romantismo e como o precursor do indianismo no Brasil, foto que influenciou na resposta da maioria dos alunos, em especial os da 3ª série, que evidenciaram sua maior importância no por ser ele um símbolo de representação nacional e não por ele fazer parte da história da cidade natal deles.



Foto 1



Foto 2

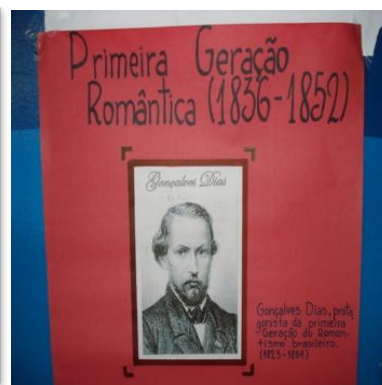


Foto 3



Foto 4

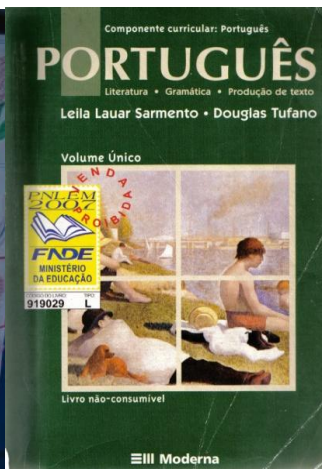


Foto 5



Foto 6

Figuras: (Foto1- palestra realizada por um poeta caxiense no Centro de Ensino Aluísio Azevedo em junho de 2009; Foto 2- Cartilha com os principais dados culturais de Caxias, publicada em 2009; Foto 3-Mural confeccionado por alunos da 2ª série do C. E. Aluísio Azevedo; Foto 4- capa do livro adotado pelas duas escolas pesquisadas no ano de 2008; Foto5 - Atividades que trabalham o poeta Gonçalves Dias, propostas no livro).

5. Considerações finais

A literatura não pode ser vista como algo museológico, pois ela está ainda viva e carregada de possibilidades que podem inovar e libertar o homem de prisões sociais e intelectuais, porque a literatura enquanto expressão de vida tem a capacidade de redimensionar as percepções que o sujeito possui de suas experiências e do seu mundo. Por isso mesmo a leitura da literatura, pela sua natureza e pela sua força, colabora significativamente para com a formação da pessoa, influenciando nas suas formas de pensar e de encarar a vida, daí a importância de se estudar a literatura enfocando, sobretudo o leitor, com a finalidade de identificar as transformações, mudanças comportamentais causadas pelo seu contato com a literatura.

Segundo Jauss (1994), essas transformações ocorrem quando a obra de arte é compreendida pelo leitor em um processo dialógico que ela estabelece, ou seja, é necessária a interação obra/leitor, que, por sua vez, não pode ser desvinculada do processo histórico, tendo em vista ser ele o sustentador do diálogo que a obra é capaz de manter com seus leitores no

decorrer dos tempos. Esse processo de interação é efetivado a partir do cruzamento dos horizontes de expectativas do leitor e da obra.

No entanto, segundo Hauser(1977), tal diálogo só é possível de concretizar-se graças as ações dos mediadores sociais, tais como a escola, a família, a mídia e a biblioteca, pois são eles quem aproxima a obra do leitor facilitando o encontro em uma espécie de tradução dos textos literários do passado para que sejam entendíveis aos leitores contemporâneo.

A partir desses dados, nota-se que, apesar da distância estética existente, a recepção da obra de Gonçalves Dias por leitores juvenis permite configurar os elementos biográficos e literários presentes no horizonte de expectativas desse leitor/receptor e perceber que embora se tratando de leitores que estão no ensino médio estando, portanto, numa fase, chamada por Aguiar (2001, p.137), de “leitura crítica”, são, portanto, capazes de dialogar com essa obra a partir de tudo o que já ouviu falar ou presenciou a seu respeito e constatar que a literatura permanece viva e carregada de possibilidades que podem a cada dia inovar e libertar o homem de suas prisões sociais e intelectual.

Referências

- AGUIAR, Vera Teixeira (Coord.). BARCO, Frieda Liliana Morales. et al. ***Era uma vez... na escola:*** formando educadores para formar leitores. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001. (Educador em formação)
- CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de ***As crianças contam histórias:*** os horizontes dos leitores de diferentes classes sociais. Dissertação (Mestrado em Letras). PUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul), Porto Alegre, 2000.
- DIAS, Gonçalves. ***Obras poéticas de A. Gonçalves Dias.*** Organização, apuração do texto e notas por Manuel Bandeira. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1944.
- HAUSER, Arnold. ***Sociologia del arte.*** Sociologia del público. Barcelona: Labor, 1977. v. 04.
- JAUSS, Hans Robert. ***A história da literatura como provocação à teoria literária.*** São Paulo: Ática, 1994. (Série Temas, v. 36)
- MORAES, Jomar. ***Gonçalves Dias:*** vida e obra. São Luís: Alumar, 1998.
- ZILBERMAN, Regina. ***Estética da recepção e história da literatura.*** São Paulo: Ática, 1989. (Série Fundamentos, 41)